



PEDAGOGIA

**BRUNA THAYNA DUARTE KOUPAK
MARCELA KRUGER**

**O TRABALHO DO PEDAGOGO DIANTE DO ABANDONO E DA EVASÃO
ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO**

Pitanga - Paraná

2019

BRUNA THAYNA DUARTE KOUPAK
MARCELA KRUGER

**O TRABALHO DO PEDAGOGO DIANTE DO ABANDONO E DA EVASÃO
ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, Área das Ciências Humanas da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná-UCP, como requisito à obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Professora Orientadora: Me. Angélica Scariot

Pitanga - Paraná

2019

Catálogo elaborado pela Bibliotecária Michele Carolina da Silva Martins CRB 9/1838 da Biblioteca
Profa. Dirce Doroti Mèrlin Clève da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná - UCP

M321n (numeração concedida pela Bibliotecária)

IORI JUNIOR, Moacir

Normas para apresentação de trabalhos acadêmicos da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná / Moacir Iori Junior. – Pitanga, 2016.

107 f.

Orientador: Nome por extenso do orientador do TCC

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel ou Licenciatura em Nome do Curso) – Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná - UCP, 2016.

1. ABNT. 2. Normas de Trabalho Acadêmico. 3. Trabalho de Conclusão de Curso. I. Martins, Michele Carolina da Silva. II. Sobrenome, Nome (orientador do TCC). III. Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná, UCP. IV. Título.

CDD 001.42

TERMO DE APROVAÇÃO

BRUNA THAYNA DUARTE KOUPAK

MARCELA KRUGER

“O TRABALHO DO PEDAGOGO DIANTE DO ABANDONO E DA EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO”

Trabalho de Curso aprovado com nota _____ como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em (nome curso) da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

Orientador (Presidente): **Prof. Nome do Professor**
Curso de (nome do curso), Faculdade UCP

Membro: **Prof. Nome do Professor**
Curso de (nome do curso), Faculdade UCP

Membro: **Prof. Nome do Professor**
Curso de (nome do curso), Faculdade UCP

Pitanga, ____ de _____ de 2019.

Dedicamos este trabalho aos jovens que não possuem o privilégio de dedicar-se somente a escola e precisam ajudar sua família na sobrevivência diária.

AGRADECIMENTO

Agradecemos à nossa orientadora Angélica Scariot pelo auxílio na construção deste documento, aconselhando e nos ensinando com sua bagagem no sistema educacional.

As nossas colegas, Amanda de Oliveira e Franciele Serafim dos Santos pelo suporte incondicional e por nos oferecer o prazer de tê-las como nossas amigas durante o curso de Pedagogia e no futuro.

As nossas respectivas famílias pelo esforço em dar uma educação digna e incentivo ao estudo e aprendizado que contribuiu para nos tornarmos o que somos hoje e alcançarmos a finalização deste trabalho de conclusão de curso.

Aos demais professores do curso de licenciatura em Pedagogia, em especial à nossa coordenadora Elma Kovalim, que nos ajudaram nesta caminhada rumo à um futuro promissor, auxiliando na resolução dos problemas e nos permitindo compartilhar de suas experiências acadêmicas.

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda.”

Paulo Freire

KOUPAK, Bruna Thayna Duarte. KRUGER, Marcela. SCARIOT, Angélica. **O TRABALHO DO PEDAGOGO DIANTE DO ABANDONO E DA EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO**. 2019 (42). Trabalho de Conclusão de Curso Graduação em Pedagogia – Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná UCP. Pitanga, 2019.

Resumo

Evasão e abandono escolar são temáticas atualmente cada vez mais abordadas pelo sistema educacional de nosso país, isso porque, grande parte dos estudantes abandonam a escola antes mesmo de terminarem o ensino fundamental, principalmente na transição para o ensino médio, por inúmeros fatores. Sendo assim, o objetivo dessa pesquisa é investigar as causas do abandono e da evasão escolar no ensino médio, iniciando com um estudo sobre as juventudes e as referências que os jovens fazem da escola, enquanto instituição social de formação científica, cidadã e profissional. Quando se fala da problemática do abandono e evasão escolar no ensino médio, foco principal dessa pesquisa, percebe-se que o problema é ainda mais grave, pois, os estudantes quando influenciados por fatores como trabalho, gravidez na adolescência, drogas, condição econômica desfavorável, falta de incentivo familiar para estudar, desinteresse pelos estudos, distorção idade e série, dentre outros, tendem a abandonar a escola e muitas vezes acabam por não voltar mais aos estudos, resultando em evasão. Dessa forma, esse trabalho justifica-se por buscar o entendimento de como o pedagogo pode atuar com metodologias inovadoras para intervir nesse processo, buscando ferramentas pedagógicas, redes de proteção, cobrando políticas públicas que ajudem a minimizar tais problemas no ambiente escolar, garantindo os princípios constitucionais de acesso, permanência e sucesso escolar.

Palavras-chave: Evasão. Abandono Escolar. Educação. Juventude. Pedagogo.

KOUPAK, Bruna Thayna Duarte. Kruger, Marcela. SCARIOT, Angelica. **THE WORK OF THE PEDAGOGUE BEFORE ABANDONMENT AND SCHOOL EVASION IN HIGH SCHOOL.** 2019 (42). Course Conclusion Paper Graduation in Pedagogy - College of Higher Education of the Center of Paraná UCP. Pitanga, 2019.

Abstract

Evasion and dropout are currently being increasingly addressed by our country's education system, because most students drop out of school even before completing elementary school, especially in the transition to high school, due to many factors. Thus, the aim of this research is to investigate the causes of dropping out and dropping out of high school, starting with a study on youth and the references that young people make of school, as a social institution of scientific, citizen and professional training. When talking about the problem of dropping out and dropping out of high school, the main focus of this research, we realize that the problem is even more serious, because students when influenced by factors such as work, teenage pregnancy, drugs, unfavorable economic condition, lack of family incentive to study, lack of interest in education, age and grade distortion, among others, tend to drop out of school and often end up not returning to school, resulting in dropout. Thus, this work is justified by seeking the understanding of how the educator can act with innovative methodologies to intervene in this process, seeking pedagogical tools, safety nets, changing public policies that help minimize such problems in the school environment, ensuring the principles access, permanence and school success.

Keywords: Evasion. Dropout. Education. Youth. Pedagogue.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 PROBLEMA.....	12
1.2 JUSTIFICATIVA	12
1.3 OBJETIVOS	13
1.3.1 Objetivo Geral.....	13
1.3.2 Objetivos Específicos.....	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 SOBRE A RELAÇÃO JUVENTUDE X ESCOLA	13
2.1.1 As causas do abandono e da evasão escolar.....	19
2.1.1.1 O papel do Pedagogo na possível solução do problema	27
3 METODOLOGIA.....	33
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	33
4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado discorre sobre a problemática do abandono escolar, abordando como tema principal a juventude e os dilemas sociais que são enfrentados nesta fase da vida, principalmente quando diz respeito ao fator escolar e sua influência na vida do indivíduo em formação. Portanto, a pesquisa trata da influência do trabalho pedagógico a fim de solucionar a problemática da evasão escolar da maneira mais palpável possível, trazendo medidas de participação efetivas dos jovens no meio escolar.

Juarez Dayrell e Paulo Carrano (2014, p. 106) abordam a importância de dar ouvidos à juventude, ressaltando que “é uma tendência da escola não considerar o jovem como interlocutor válido na hora da tomada de decisões importantes para a instituição”.

Entender o que são as juventudes e o que representam, é um dos fatores determinantes para que o ensino seja efetivo para determinada camada social a qual se destina. “A juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação” (CARRANO; DAYRELL, 2014, p. 110). Cada sujeito em formação possui suas próprias experiências vividas em seu meio social, sua família e em seu desenvolvimento como pessoa.

A partir do entendimento do que realmente significa juventude, pode-se investigar o que cada construção social trouxe tanto de facilidades quanto de problemas em relação à permanência escolar. “Todas essas questões se articulam às condições objetivas da população, em um país historicamente demarcado por forte desigualdade social” (DOURADO, 2005, p. 5). O jovem que está aprendendo não é uma folha em branco e possui uma bagagem ampla, que geralmente é carregada de dificuldades e marcas em sua trajetória.

Nesse contexto, faz-se necessário ressaltar: qual é a função do pedagogo diante dos problemas presentes no contexto escolar? Será que o profissional consegue apresentar uma solução? Diante do exposto, compreendemos que o pedagogo poderá buscar alternativas eficientes, juntamente com o apoio da equipe escolar. Porém, isso não cabe somente a instituição de ensino. É imprescindível uma análise detalhada sobre a situação do aluno, vendo as possibilidades de minimizar a possível evasão escolar, que infelizmente é uma situação comum de acontecer. Com isso, compreendemos que a escola tem seu papel fundamental para

evitar que o aluno desista de estudar, embora isso dependa da vontade e de condições da realidade do educando.

As diretrizes curriculares mais recentes afirmam a necessidade de a escola trabalhar com temas caro à democracia, como a tolerância, o respeito à diversidade cultural, a ética e a solidariedade. Porém, mesmo que tenham sido incorporados ao currículo, pouquíssimas vezes esses temas se conectam a um processo prático de democracia interna nas escolas (CORTI; SOUZA, 2012. p. 40).

A temática de evasão escolar e seus fatores determinantes, são de suma importância para que o profissional formado em pedagogia possa, com o auxílio de toda uma comunidade pautada na gestão democrática, oferecer aos alunos matriculados no Ensino Médio uma educação de qualidade que garanta a formação crítica do sujeito serão discutidas e analisadas ao longo deste trabalho.

1.1 PROBLEMA

Quais as principais causas do abandono escolar no ensino médio e como o pedagogo pode intervir para a minimização desse problema.

1.2 JUSTIFICATIVA

Diante da realidade, apontada no cenário escolar dos últimos anos, podemos ressaltar um grande número de alunos evadindo da escola, isso vem ocorrendo com grande frequência principalmente no Ensino Médio.

Podemos associar a evasão e o abandono escolar como um problema gravíssimo presente no cenário brasileiro, constata-se que vários fatores vêm influenciando para o aumento dessa problemática, tais como: a falta de interesse dos alunos, falta de incentivo da família e da escola, falta de acesso, e também fatores como a gravidez na adolescência, drogas, prostituição, conteúdos repetitivos, grande número de reprovações, entre outros que estão causando a frustração dos alunos fazendo com que ocorra esse afastamento e abandono da escola.

Essa pesquisa visa buscar a compreensão dos principais fatores que influenciam a evasão escolar e apontar algumas alternativas de trabalho que podem ser realizadas no ambiente escolar para ajudar a minimizar esse problema que esta cada vez mais presente na realidade brasileira.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Identificar as causas do abandono e evasão escolar no ensino médio, ressaltando o trabalho do pedagogo como importante ferramenta para a minimização desta problemática.

1.3.2 Objetivos Específicos

Compreender a relação entre juventude e escola;

Identificar os principais motivos do abandono e da evasão escolar;

Verificar como o trabalho do pedagogo pode contribuir para a formação do jovem e a diminuição do abandono escolar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 SOBRE A RELAÇÃO JUVENTUDE X ESCOLA:

Para que se entenda a complexa relação entre a juventude e a escola, é necessário, primeiramente, estabelecer uma definição clara de ambos os conceitos, principalmente o que é ser jovem no meio social atual.

A juventude era compreendida, em épocas anteriores, como apenas uma fase de transição entre a infância e a vida adulta, não era em si considerada um determinado grupo social, com seus ideais e maneiras de interpretar o mundo diferentes. Podia-se considerar a juventude como um caminho para a vida adulta, sem muita relevância na formação individual de cada pessoa. Já na atualidade o conceito muda e possui um novo viés tanto social quanto cultural.

O que é jovem? O que é juventude? Essas perguntas geram muita discussão. Não é fácil chegar a um consenso, pois temos diferentes opiniões sobre o que seja essa fase da vida. Alguns dizem que juventude é um estado de espírito, uma postura diante da vida associada à alegria, ao vigor, à disposição, à criatividade e ao desejo de mudança. Outros associam a juventude à idade cronológica como sendo o período situado entre a infância e a vida adulta. Para uns, é a fase que vai dos 15 aos 24 anos; para

outros, a juventude começa cada vez mais cedo, por volta dos 12 ou 13 anos, e termina mais tarde, aos 29 ou 30 anos (CORREA; ALVES; MAIA, 2014. p. 14).

O termo juventude tem variados significados, que variam nas concepções culturais de cada ciclo social em que um sujeito esteja envolvido. Ser jovem é se tornar uma espécie de receptáculo para todas as novas experiências que precedem a vida adulta. É um mundo conturbado, em que variados fatores transformam e fixam todas as ideologias e conceitos éticos que um indivíduo vai defender pelo resto de sua vida.

Os estudos da Sociologia da Juventude compreendem a juventude como uma categoria social, formada por indivíduos que compartilham as experiências de uma mesma geração. Ao mesmo tempo, os autores ressaltam que não podemos ter uma visão homogênea da juventude. Há várias diferenças que estão relacionadas à idade, ao desenvolvimento fisiológico e psíquico, ao nível de autonomia e independência social, étnico-racial e de gênero. Isso torna os jovens muito heterogêneos entre si (CORREA; ALVES; MAIA, 2014. p. 16).

O que acaba ocorrendo com os jovens, é o estreitamento de seus pensamentos por parte dos demais adultos. O reconhecimento de suas diversas opiniões lhes é negado, e, em geral, sua voz e demandas são apresentadas por adultos, que não compreendem a importância e a relevância do jovem atuante na sociedade.

A bagagem cultural e as mazelas da vida enfrentadas por diversos sujeitos que são considerados jovens, são ignoradas e desconsideradas pelo restante da sociedade. A passagem para a vida adulta não possui tanta relevância e as opiniões são consideradas supérfluas e desnecessárias. Considerar essa fase como uma transição para a próxima, a vida adulta, é uma maneira de passar sobre toda uma grande parte da população e produzir uma sociedade falha, que não possui democracia.

Essa é uma fase da vida em que os sujeitos estão em processo de formação para a vida social, em que há um forte componente de experimentação. Mas, às vezes, isso serve de desculpa para negar o direito a ter suas próprias opiniões e fazer suas escolhas. Muitas vezes, a juventude é encarada como um “vir a ser” e o reconhecimento de suas demandas, necessidades e direitos ficam sempre adiados. Por conta disso, muitos adultos e instituições querem falar em nome dos jovens e acabam impedindo ou criando dificuldades para que eles aprendam a partir do exercício de fazer suas próprias escolhas. (CORREA; ALVES; MAIA, 2014. p. 18)

Trabalhando esses conceitos chega-se no fator da humanidade. Ensinar o aluno a se tornar um sujeito criticamente capaz, não será possível com apenas restrições e metodologias arcaicas. É necessário garantir ao jovem o respeito para com a sua juventude, ou seja, as suas diversidades, sejam elas econômicas, culturais ou sociais.

Podemos afirmar que a juventude é uma categoria socialmente produzida. Temos que levar em conta que as representações sobre a juventude, os sentidos que se atribuem a essa fase da vida, a posição social dos jovens e o tratamento que lhes é dado pela sociedade ganham contornos particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos (DAYRELL; CARRANO; MAIA, 2014. p. 110).

Diante disso, levantamos uma questão: como a escola deve acolher e lidar com tais juventudes? Segundo a BNCC (2017, p.465), “[...] é necessário, em primeiro lugar, assumir a firme convicção de que todos os estudantes podem aprender e alcançar seus objetivos, independentemente de suas características pessoais, seus percursos e suas histórias”. A Base Nacional Comum Curricular ainda ressalta o compromisso da instituição, para acolher as diversas juventudes.

- garantir o protagonismo dos estudantes em sua aprendizagem e o desenvolvimento de suas capacidades de abstração, reflexão, interpretação, proposição e ação, essenciais à sua autonomia pessoal, profissional, intelectual e política;
- valorizar os papéis sociais desempenhados pelos jovens, para além de sua condição de estudante, e qualificar os processos de construção de sua(s) identidade(s) e de seu projeto de vida;
- assegurar tempos e espaços para que os estudantes reflitam sobre suas experiências e aprendizagens individuais e interpessoais, de modo a valorizarem o conhecimento, confiarem em sua capacidade de aprender, e identificarem e utilizarem estratégias mais eficientes a seu aprendizado;
- promover a aprendizagem colaborativa, desenvolvendo nos estudantes a capacidade de trabalharem em equipe e aprenderem com seus pares; e
- estimular atitudes cooperativas e propositivas para o enfrentamento dos desafios da comunidade, do mundo do trabalho e da sociedade em geral, alicerçadas no conhecimento e na inovação (BRASIL, 2017. p. 465).

Mas afinal o que é a escola? Tal questionamento pode parecer simples, mas na verdade, possui uma infinita complexidade. A resposta pode ser dita como um lugar em que crianças, adolescentes e adultos aprendem as disciplinas necessárias para sua formação. Segundo o Dicionário Online Michaelis (2019), o termo escola pode ser definido como:

1 Instituição pública ou privada que tem por finalidade ministrar ensino coletivo: *“A escola não foi feita para punir nem para exemplar ninguém. Ela foi feita para preparar o homem para a vida futura”* (Z1). 2 Conjunto de professores, alunos e funcionários de uma instituição de ensino. 3 Prédio onde funciona essa instituição. 4 Sistema, doutrina ou tendência de pensamento de indivíduo ou de grupo de indivíduos que se destacou em algum ramo do conhecimento. 5 Conjunto de adeptos ou seguidores de uma doutrina, pensamento ou princípio estético. 6 Conjunto de princípios ou concepção estética seguido por um grupo de artistas: *“Já não há mais meninas importunas e vaidosas... As que o foram chamam-se agora espirituosas! ... A escola dos românticos reformou tudo isso”* (JMM). 7 Soma de conhecimentos; sabedoria, saber. 8 Conhecimento adquirido na experiência prática, na vida; vivência: *A prisão é a escola do crime*. 9 Algo que é próprio para instruir, para preparar ou acumular conhecimento; experiência. 10 REG (RJ) Casa ou local de jogo (MICHAELIS, 2019).

Conhecimento, doutrina, ensino e princípios. São os aspectos que norteiam a instituição que é conhecida como escola. É um local de compartilhamento de saberes, de formação de pessoas, não somente intelectual, como socialmente. Mas, até que ponto a escola é efetiva nesse sentido?

O papel da escola é o que faz seu significado. Assim como existem pessoas diferentes, existem escolas diversas, que variam por inúmeras questões e devem auxiliar a população que nela habita. Ela deve ser flexível em seu modelo de ensino e saber se moldar de acordo com o período e meio cultural em que está envolvida.

O problema é que a realidade se mostra outra, um tanto diferente. Os alunos são submetidos à processos avaliativos constantes, em que vale mais uma nota “azul” em um boletim do que o conhecimento em si. A falta de adaptação da escola às revoluções e avanços na sociedade faz com que os alunos se tornem frustrados e cada vez mais avaliados, em contrapartida, os professores são cada dia menos incentivados à evoluir dentro de seus conhecimentos, o que torna o processo de ensino ineficiente.

A escola, de maneira geral, é resistente a mudanças aceleradas, pois ele atua com noção de gerações; qualquer alteração nas razões e nos fazeres demora mais do que em outras instâncias sociais, pois as pessoas nela permanecem por muito tempo sem que a estrutura seja avaliada continuamente. É uma organização na qual os sujeitos clientes são avaliados, mas os sujeitos agentes não o são e, desse modo, os paradigmas envelhecem com mais velocidade e frequência (CORTELLA, 2014. p. 18).

Decorrente desse método de ensino, a visão que os alunos tem do que é a escola não condiz com os aspectos encontrados nas definições do dicionário. Termos como autoridade e medo são muito mais comuns dentro da sala de aula do

que se pensa. As regras e procedimentos arcaicos transformaram a definição da palavra escola na visão dos jovens.

A instituição escolar e o aluno são construções sociais com uma longa história. Durante séculos, foi se consolidando uma cultura escolar com seus tempos, espaços, métodos e currículos que hoje parecem naturais. Quando se fala em escola, logo surgem imagens como o quadro, a mesa do professor, as filas de carteiras, um professor que dirige as atividades e os alunos que seguem as instruções dadas por ele. Mas os estudantes adolescentes e jovens de hoje têm cada vez mais dificuldades de se adaptar a esse tipo de escola. Esse modelo exige que o aluno esteja fixo em sua carteira, obediente aos comandos dados pelo professor de acordo com seu planejamento. Quando pode participar, o jovem aluno de se engajar em tarefas que são predeterminadas sem nenhuma ou pouca autonomia (CORREA; ALVES; MAIA, 2014. p. 25).

Dado a conceituação da escola e da juventude, é compreensível que quando se pensa na relação entre os jovens e a escola, a indisciplina por parte dos alunos é um ponto que é ressaltado em reclamações no geral. Essa indisciplina pode ser apontada na vestimenta, no comportamento e na falta de comprometimento com as atividades dentro da vida escolar desses alunos. O professor tem na criação de propostas que atraiam os jovens para a sala de aula, seu principal problema a ser enfrentado. Tentar vencer as barreiras criadas por anos de repressão e não entendimento de ambos os lados jamais será uma tarefa fácil.

[...] é comum encontrar queixas sobre como o cotidiano escolar é transtornado por problemas provocados pelos jovens estudantes. A indisciplina costuma ser o principal problema apontado. Essa se manifesta na crítica à “falta de respeito” com os professores, nas relações agressivas entre os próprios jovens, na agressão verbal e física, na “irresponsabilidade” diante dos compromissos escolares e na “dispersão” devido ao uso de celulares e outros aparelhos eletrônicos, mesmo na sala de aula (DAYRELL; CARRANO; MAIA, 2014. p. 102).

O maior problema, quando se fala no relacionamento entre alunos do ensino médio e seus professores, é a tentativa de culpar o outro. Jogar todo o peso da culpa em um dos lados não é a melhor solução para promover uma relação saudável entre esses dois mundos, que não deveriam estar tão distanciados um do outro. Criar barreiras e justificativas para não melhorar o relacionamento entre escola e sociedade jovem jamais trará um modelo educacional suficientemente eficiente para ambos os lados.

Queremos, para início de conversa, provocar a reflexão de que esses e outros “problemas da juventude na escola” são muito mais que uma questão de relacionamento entre os jovens e seus professores e entre os estudantes e a instituição do que um problema a ser equacionado. Não se pode olhar apenas para um lado da questão em busca de um único “CULPADO” para cada um dos problemas que possamos elencar (DAYRELL; CARRANO; MAIA, 2014. p. 102).

O que é necessário para o entendimento de toda a questão é compreender que não é apenas um jogo de culpados que vai solidificar a relação entre adolescentes e a escola. Seria ignorante elencar um ou dois fatores para justificar toda uma problemática que abrange toda uma comunidade e seus fatores sociais. Não se deve deixar de lado todo o impacto que questões sociais podem causar já que “professores, alunos, gestores funcionários, familiares dentre outros, são parte integrante da sociedade e expressam de alguma forma, os problemas e desafios sociais mais amplos” (DAYRELL; CARRANO; MAIA, 2014. p. 103).

Pode-se dizer que a relação entre o aluno considerado jovem, que está no ensino médio ou em outras modalidades de ensino, e o professor deve ser pautada no entendimento de ambas as demandas culturais, históricas e sociais presentes dentro da vivência de cada sujeito.

A partir do entendimento da bagagem histórica e social que o significado da juventude compreende, pode-se buscar a solução para a relação entre escola e jovens. Deve haver a consideração para com todos os fatores vividos por cada aluno matriculado na rede de ensino e inserido dentro de uma escola, uma sala de aula e um grupo de outros indivíduos que possuem suas juventudes específicas, todas carregadas e moldadas por contextos particulares, que existem por conta das vivências únicas adquiridas por cada uma das pessoas que ali estão presentes.

Considerar que há muitas juventudes implica organizar uma escola que acolha as diversidades, promovendo, de modo intencional e permanente, o respeito à pessoa humana e aos seus direitos. E mais, que garanta aos estudantes ser protagonistas de seu próprio processo de escolarização, reconhecendo-os como interlocutores legítimos sobre currículo, ensino e aprendizagem. Significa, nesse sentido, assegurar-lhes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, permita-lhes definir seu projeto de vida, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos (BRASIL, 2017, p.463).

Trabalhar a realidade que o indivíduo está vivenciando, sendo capaz de agregar suas experiências com as demais realidades presentes em sala de aula e

nos outros ambientes escolares, é um dos principais passos para que exista uma relação consistente e positiva entre toda comunidade escolar.

2.1.1 As causas do abandono e da evasão escolar

Para compreender-se o que causa o abandono e a evasão escolar, deve-se entender que os termos aparentam ter o mesmo significado no sentido do verbo, porém, diferem quando colocados dentro do contexto escolar. O ato de abandonar remete à desistência, segundo o dicionário Michaelis (2009, s/p.), o significado de abandono pode ser tido como:

1 Ação ou efeito de abandonar(-se). **2** Ato ou efeito de desistir, renunciar, deixar para trás; afastamento, desistência, renúncia. **3** Estado ou condição do que é ou se encontra abandonado; desleixo; negligência: *“Pobre acostuma com tudo. Menos com doença, abandono e desamparo”* (Z1). **4** Estilo de quem vive ou se mostra como se fosse abandonado; desmazelo: *É um homem que se apresenta com certo abandono, apesar de ser rico.* **5** Sensação ou estado de relaxamento físico e/ou mental; estado de relaxamento de tensão.

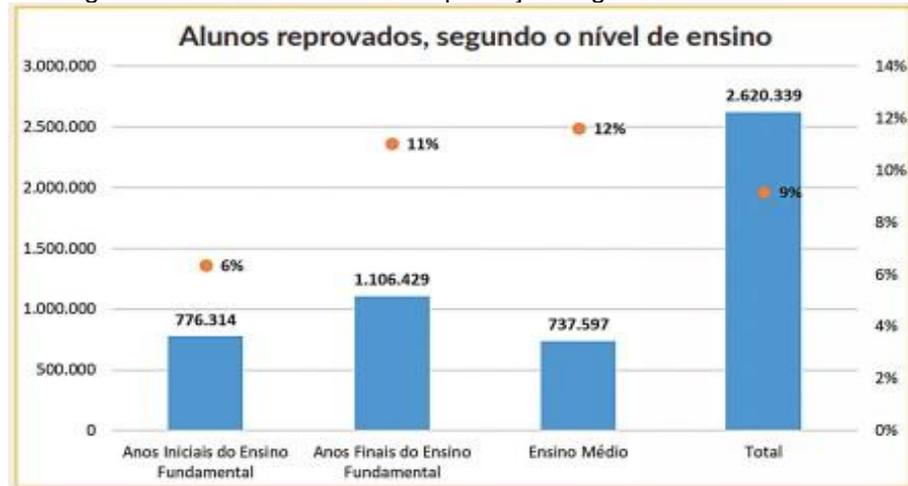
Enquanto que a evasão, no caso, o verbo da palavra (evadir), pode ser definida no dicionário Michaelis (2009, s/p.) como:

1 Esquivar(-se) a dizer ou fazer alguma coisa; desviar, evitar: *Evadiu a resposta por temer as críticas. Evadia-se dos compromissos usando desculpas esfarrapadas. Vpr 2* Fugir às ocultas ou furtivamente; escapar: *“Como o pai não lhe dava liberdade, nem dinheiro [...] Amâncio arranjava com a mãe os cobres que podia e, quando a família já estava dormindo, evadia-se pelos fundos do quintal”* (AA2). *vpr 3* Desaparecer rapidamente; sumir-se: *Desde que o cãozinho evadiu-se, a criança não parou de chorar.*

O abandono escolar é o afastamento, no meio do ano letivo, por motivos indeterminados, com possibilidade de retorno no ano seguinte. O ato de abandonar a escola não depende necessariamente de uma reprovação para acontecer. Como consequência do abandono, existe a prática de evasão que se caracteriza como a “fuga” do aluno da escola, decorrente de uma reprovação ou, até mesmo, a não renovação de matrícula do ano seguinte. Quando o aluno evade da escola, ele não retorna aos estudos. Para que se entenda as reais causas do abandono e da evasão escolar, primeiramente, deve se analisar os dados dos índices de evasão e

abandono no país. Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) (2018. p. 3) “Em 2018, ano da edição mais recente do Censo Escolar, as escolas públicas municipais e estaduais do Brasil reprovaram 2.620.339 estudantes.”

Imagem 1: Gráfico do índice de reprovação segundo o nível de ensino



Fonte: Unicef, 2018.

Ao fazer a análise do gráfico acima, encontra-se o maior índice de reprovações nos anos finais do ensino fundamental, justamente no período de transição para o ensino médio. Esses dados representam claramente o problema do jovem em relação com seus estudos. Ele não consegue alcançar o nível necessário de aprendizado para prosseguir pra o ensino médio, assim reprovando. Não se deve pensar, nesse contexto, que a escola tem a culpa do abandono escolar ao reprovar o aluno, mas, a culpa da falta de interesse e incentivo pode ser atribuída a mesma. Indo mais a fundo sobre as taxas de reprovação, a diferença nos índices ao que diz respeito à etnia é mais alarmante:

Imagem 2: gráfico do índice de reprovação segundo raça/cor.

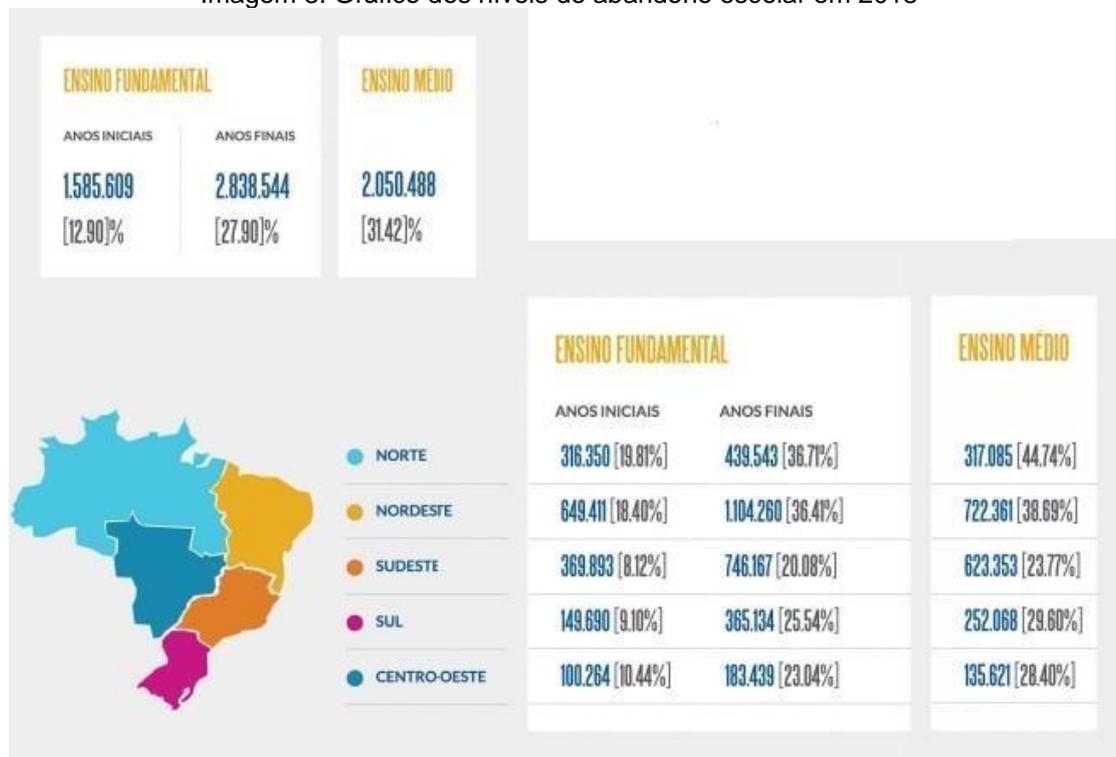


Fonte: Unicef, 2018

Observa-se que praticamente metade dos alunos que reprovam na escola são negros, pardos e indígenas. Justamente a parcela da população que vive em condições de pobreza e preconceito. “Populações preta, parda e indígena têm entre 9% e 13% de estudantes reprovados, enquanto entre brancos esse percentual é de 6,5%.” (Unicef, 2018. p. 3)

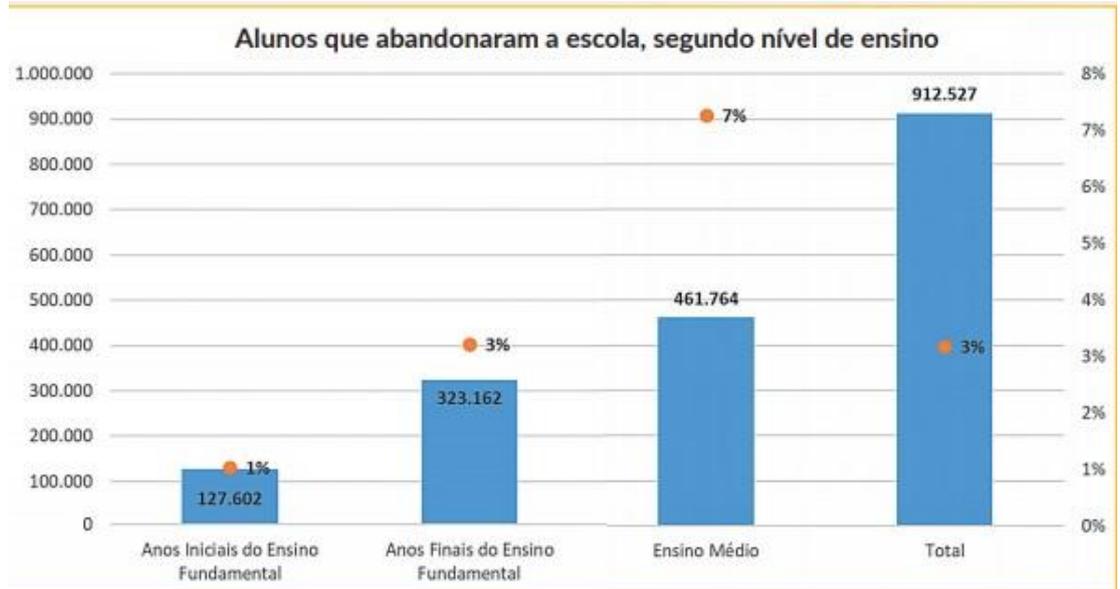
O que pode ser considerado como a porta de entrada para o abandono é a reprovação. Quando o aluno reprova de ano, as preocupações começam. As críticas, nada construtivas, fazem com que o jovem se sinta desmotivado a continuar estudando. Dado a introdução ao problema, chega-se no abandono. É um problema real da rede de ensino. Quando se analisa o problema nos anos finais da escola, os índices ficam piores, segundo a Unicef, o “Ensino Médio perde mais de 460 mil estudantes em 2018. Esse valor representa 7% de todos os alunos matriculados nesse nível de ensino.” (2018. p. 9)

Imagem 3: Gráfico dos níveis de abandono escolar em 2018



Fonte: Unicef, 2018

Imagem 4: Gráfico dos alunos que abandonaram a escola, segundo nível de ensino



Fonte: Unicef, 2018

Ao analisar os dados acima pode-se perceber que as taxas de abandono no ensino médio são maiores do que em comparação com os demais anos do ensino fundamental. Esse fator também tem seu agravamento em relação com a etnia dos alunos que abandonam a escola, mais uma vez evidenciando as questões social e econômica que cercam os fatores que evidenciam o abandono. Observa-se a padronização da falta de oportunidade para as populações negras, pardas e indígenas, conforme apresenta o gráfico abaixo:

Imagem 5: Gráfico dos alunos que abandonaram a escola, segundo cor/raça



Fonte: Unicef, 2018.

A partir destas definições, iniciamos a discussão para as causas tanto do abandono, quanto da evasão escolar. As causas da evasão escolar no ensino médio vinculam-se desde pequenos fatores até os problemas familiares que podem interferir na vida escolar do adolescente. O desrespeito dentro do âmbito escolar, o bullying, a falta de acesso, o desinteresse da família em incentivar o aluno, o trabalho, as condições sócio econômicas e o desinteresse do aluno, são alguns dos fatores que se tornaram primordiais para o afastamento do aluno de dentro da escola. Sendo assim, é possível notar a dimensão desse problema diante da realidade vivida no cenário brasileiro.

A evasão escolar é um problema crônico em todo o Brasil, sendo muitas vezes passivamente assimilada e tolerada por escolas e sistemas de ensino, que chegam ao exercício de expedientes maquiadores ao admitirem a matrícula de um número mais elevado de alunos por turma do que o adequado, já contando com a 'desistência' de muitos ao longo do período letivo. Que pese a propaganda oficial sempre alardear um número expressivo de matrículas a cada início de ano letivo, em alguns casos chegando próximo aos 100% (cem por cento) do total de crianças e adolescentes em idade escolar, de antemão já se sabe que destes, uma significativa parcela não irá concluir seus estudos naquele período, em prejuízo direto à sua formação e, é claro, à sua vida, na medida em que os coloca em posição de desvantagem face os demais que não apresentam defasagem idade-série (DIGIÁCOMO, 2005. p.1).

Entre os diversos agravadores, os fatores econômicos parecem ser os que mais chamam a atenção quando se fatoriza a evasão escolar. A desculpa é que a falta de dinheiro fez com que o aluno deixe a escola em decorrência do trabalho para ajudar os pais. Mas será mesmo que esse jovem teve o apoio necessário dos pais para continuar os estudos? E a escola, o que fez e proporcionou ao mesmo para que este tivesse condições de conciliar sua jornada dupla?

É claro que, o ideal seria o sujeito dedicar-se inteiramente aos estudos, mas, a realidade das classes econômicas mais baixas não permite que isso aconteça. O desemprego e a falta de oportunidade fazem com que o adolescente de 14 ou 15 anos passem a ter que trabalhar para ajudar a família a sobreviver. Entretanto, não se justifica o fato da falta de tentativa por meio da instituição de ensino em que o aluno estudava em mantê-lo comprometido com os estudos.

É óbvio que num país de desigualdades como o Brasil, no qual muitas famílias vivem em condições de miséria, há grande probabilidade de um jovem ver-se obrigado a buscar meios de subsistência em detrimento da continuidade de sua vida escolar. Esta é uma situação incontestável mas

será que a situação é simplificável a este nível? Há uma relação biunívoca entre necessidades econômicas e evasão escolar sem que outros fatores sejam postos em causa? Ao lidarmos com a inclusão escolar de pessoas com algum tipo de deficiência também nos deparamos com a retirada dessas pessoas da escola, especialmente ao saírem da infância, a partir de justificativas que passam longe das causas econômicas. Observamos que os envolvidos no processo, educadores e família, muitas vezes não enxergam a necessidade de permanência desses jovens na escola, já que eles não aprendem como os demais. Constatamos, assim, que características pessoais têm sido impedimento para que o direito à educação seja desfrutado (ALAMINOS, 2005. On-line).

O apoio da família também é um fator de suma importância para que o jovem permaneça na escola e passe do ensino fundamental para o médio. Se o adolescente precisa trabalhar e, em decorrência desse trabalho, decide abandonar a escola, é necessário que exista o apoio dos familiares na permanência do mesmo na rede regular de ensino. A realidade não é o que se espera. A falta da participação dos pais na vida escolar dos filhos acarreta no agravamento do problema de evasão, já que não existe o mínimo de apoio.

Outro forte motivo é o grande número de violência sofrida diariamente pelos alunos matriculados nas escolas brasileiras, que vem como uma causa a mais pelo qual o fracasso escolar está se tornando algo tão notório. De acordo com Campello (2001), “estudos elaborados pela Unesco em 1997, afirmam que quase 2 mil jovens em idade de 15 a 29 anos morrem vítima de violência nas escolas e, em pesquisa com 5 mil jovens, cerca de 3 mil já sofreram agressão”.

Essa ampla problemática pode ser associada também a fatores como o uso de drogas, que na fase da adolescência e da juventude é enfrentado como tabu pelas famílias que dificilmente se abrem a conversar e aconselhar os jovens sobre essa temática causando aos mesmos certa curiosidade e interesse, e fazendo assim com que os jovens se evadam do âmbito escolar em busca de novas experiências.

Segundo Dourado (2005, p. 5):

Todas essas questões se articulam às condições objetivas da população, em um país historicamente demarcado por forte desigualdade social, que se caracteriza pela apresentação de indicadores sociais preocupantes e, que nesse sentido, carece de amplas políticas públicas incluindo, nesse processo, a garantia de otimização nas políticas de acesso, permanência e gestão com qualidade social na educação básica.

Fatores como a gravidez na adolescência também interferem na permanência do aluno dentro da escola. A grande maioria das adolescentes que

engravidam, se evadem da escola durante o período da gravidez e depois se torna muito mais difícil o retorno para o âmbito escolar, pois as responsabilidades aumentam com a chegada do filho (a) e mudam-se as prioridades dessas mães. Segundo o autor Suzuki (2007, p.96):

A maioria das adolescentes abandona os estudos para cuidar da criança, ocorrendo aumento dos riscos de desemprego, mudança de estrato sócio econômico e dependência econômica dos familiares, perpetuando-se assim, a pobreza, educação limitada, abuso e violência familiar tanto à mãe quanto à criança.

Já com relação aos meninos que se tornam pais, também ocorre a desistência e o afastamento da escola pelo fato do aumento de responsabilidades e, com isso, dar entrada no mundo de trabalho, o que acaba retirando parte da liberdade e do tempo, que seriam garantidos se este estivesse somente frequentando a escola.

O abandono escolar confronta-se com o preceito constitucional segundo o qual é direito da pessoa, além da oportunidade de acesso à escola, ter garantidas as condições de permanência, tendo em vista o seu pleno desenvolvimento, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

Dentro do âmbito escolar podemos perceber inúmeros fatores que fazem parte do insucesso escolar do aluno, conteúdos repetitivos, professores despreparados, turmas superlotadas, falta de diálogo entre os membros da escola com os alunos, esses e outros fatores causam a desmotivação do aluno e acabam fazendo com que aumente o número de evasão e abandono da escola.

Segundo Dourado (2005, p. 20) “o maior desafio dessa escola é garantir condições para que o aluno possa aprender”. Tendo conhecimento dos fatores primordiais para a evasão Ferreira (2011) reconhece e os separa em quatro eixos:

Escola: não atrativa, autoritária, professores despreparados, insuficiente, ausência de motivação, etc.; Aluno: desinteressado, indisciplinado, com problema de saúde, gravidez, etc.; Pais/responsáveis: não cumprimento do pátrio poder, desinteresse em relação ao destino dos filhos, etc. Social: trabalho com incompatibilidade de horário para os estudos, agressão entre os alunos, violência em relação a gangues, etc. (FERREIRA, 2011, p.02).

Fazem parte de um grande número de alunos que sofrem com essa problemática da evasão e abandono escolar os jovens com baixa renda familiar que não tem expectativas nenhuma com relação à conclusão dos estudos e a entrada no nível superior de ensino, e que por sofrerem de muitas dificuldades estão cada vez mais desmotivados a seguirem a vida escolar. Problema esse que também está presente na realidade dos jovens de classe média e alta, mais com menos relevância, pois a diferença da classe social pode ser vista como um fator significativo, para a evasão e o abandono escolar.

É essa escola das classes trabalhadoras que vem fracassando em todo lugar. Não são as diferenças de clima ou de região que marcam as grandes diferenças entre escola possível ou impossível, mas as diferenças de classe. As políticas oficiais tentam ocultar esse caráter de classe no fracasso escolar, apresentando os problemas e as soluções com políticas regionais e locais (ARROYO, 1993, p. 21).

Ainda no que diz respeito à educação, deve se ressaltar a reprovação dos alunos que apresentam dificuldades, a falta de compromisso e apoio dos pais. Quando solicitados a participação da vida escolar, os pais, na maioria das vezes, não fazem questão de estar a par da situação em que seu filho se encontra, fazendo assim com que surja uma revolta por meio do adolescente por não ter o devido apoio, causando assim sucessivas reprovações e repetições de ano, gerando a evasão desse aluno que está totalmente desmotivado a permanecer na escola.

A sala de aula deve ser vista como espaço de vivência. Quando o aluno percebe que pode estudar nas aulas, discutir e encontrar pistas e encaminhamentos para questões de sua vida e das pessoas que constituem seu grupo vivencial, quando seu dia-a-dia de estudos é invadido e atravessado pela vida, quando ele pode sair da sala de aula com as mãos cheias de dados, com contribuições significativas para os problemas que são vividos "lá fora", este espaço se torna espaço de vida, a sala de aula assume um interesse peculiar para ele e para seu grupo de referência (MASETTO, 1997, p.35).

A participação ativa, tanto por parte da escola quanto pela comunidade escolar, pode determinar o caminho a ser seguido na trajetória dentro da escola, podendo resultar no sucesso ou no fracasso escolar. Quando se tratam de fatores sociais presentes em muitas juventudes, devem-se pautar os conceitos de ouvir, respeitar e saber agir para resolver o problema.

2.1.1.1 O papel do pedagogo na possível solução do problema

Ao analisar o papel do pedagogo ao enfrentar o problema da evasão escolar (e do abandono), levantam-se os questionamentos: o que faz o aluno deixar a escola em segundo plano? A falta de interesse em aprender é cada vez maior entre os alunos jovens, mas por que isso acontece? O que a escola, professor e pedagogo estão fazendo para resolver a situação? É realmente efetivo ou já está saturado em meio os tempos atuais?

Nesse caso, entram os problemas da adaptação dos professores em meio à realidade atual do aluno. Os tempos são outros. A tecnologia avança cada vez mais e os jovens acompanham essa evolução. Em contrapartida, os professores, muitos deles, permanecem presos numa realidade que parece ser só sua. Métodos velhos e fatos antigos criaram uma barreira entre os dois lados do processo ensino-aprendizagem, que conseqüentemente irá acarretar em um processo contínuo de abandono, da vontade de estudar e de frequentar a escola.

Segundo Cortella (2014, p 21) ressalta que “idoso é quem tem bastante idade, enquanto velho é quem acha que já está pronto e não precisa ou não conseguirá mais mudar”, ou seja, não importa a idade biológica do sujeito, tenha ele vinte, trinta, cinquenta ou oitenta anos, se o professor se nega a adaptar-se aos avanços do mundo de nada adiantará o conhecimento que este possui e a vontade de transmitir aos alunos. Um sujeito que permanece parado no tempo é egoísta e não compreende a importância da adaptação.

O docente velho tem uma característica: passa o tempo todo tentando mostrar que algo não vai dar certo, em vez de usar o mesmo tempo para que aquilo dê certo. Aliás, professor velho, de maneira geral, é pessimista. E o pessimismo é o refúgio de quem não quer ter muito trabalho. (CORTELLA, 2014. p. 22)

Em contrapartida, não se pode negligenciar a parcela de profissionais que tentam adaptar-se e explorar um novo viés ao ensinar. O professor otimista, que ao invés de usar todo seu tempo hábil para reclamar sobre o sistema de ensino e os adolescentes indisciplinados que nele estão estudando, procura entender melhor o problema e participar mais ativamente da vida que cerca a escola: a comunidade escolar. Seguir o caminho do professor otimista é um processo mais árduo de ensinar e fazer aprender. Ele não segue os caminhos básicos, disponibilizados

facilmente, ele apura informações, conversa com seus alunos e procura entender o contexto em que está envolvido, “ele tem de levantar, ir atrás, se juntar, ir para a atividade no sábado de manhã, ir para o encontro, estudar, participar de um seminário” (CORTELLA, 2014. p. 22).

Não é fácil, não é rápido, mas se torna eficaz. O profissional, seja de que área for, ao compreender que os esforços que faz o tornam um melhor profissional, consolida em uma carreira de sucesso. O pedagogo tem no sucesso a formação dos sujeitos críticos ao final do processo de educação, seja em que etapa for. O otimismo dentro de uma escola é o que garante a sobrevivência da mesma. Entretanto, não se deve confundir otimismo com apenas ver o lado bom das coisas. É imprescindível constatar os problemas para haver o debate, provocando possíveis mudanças.

“É proibido resmungar”. Toda a Escola deveria ter esse lema exposto bem na entrada. Não é proibido reclamar, não é proibido debater, não é proibido discordar, mas é proibido resmungar. Em latim está escrito “É proibido murmurar”. Gente que murmura, em vez de fazer, fia resmungando. Em vez de acender vela, fica amaldiçoando a escuridão. Em vez de partir e fazer o que precisa ser feito, fica dizendo: “Assim não dá”, “Onde já se viu?”, “Alguém tem de fazer alguma coisa”... (CORTELLA, 2014. p. 22).

Afinal, porque deve ter mudanças? A resposta é simples: o tempo passa. Os alunos não são mais os mesmos de vinte anos atrás, as referências mudaram, o conhecimento e bagagem cultural de cada um é diferente e os fatos marcantes para uma geração já não possuem mais tanta relevância para a outra. O pedagogo deve compreender essa diferença abordando o que faz parte da história do aluno e incluindo os demais fatos de uma bagagem, assim gerando uma espécie de conexão entre os mesmos.

O aluno que entrou este ano na universidade, que está com 17, 18 anos, não chegou a ver um filme “antigo, chamado *Titanic*, que é de 1997. Os alunos que estão na universidade podem até ter ouvido falar do afundamento do *Titanic* há mais de um século, mas o filme, em si, é muito distante da vida deles. E muitos educadores têm o *Titanic* como uma obra cinematográfica recente, ainda se emocionam. Os alunos que estão agora na universidade não conheceram os Mamonas Assassinas (CORTELLA, 2014. p. 23)

A história do aluno, não a que se estuda nos livros, que nasceu nos anos 2000, por exemplo, é cercada de um aspecto que é comum a todos os outros jovens

que nasceram na mesma época: os avanços tecnológicos em massa. O celular é o exemplo mais claro que distancia quem nasceu em décadas anteriores dos adolescentes de hoje em dia, é comum até se ouvir em casa que “a criança já nasceu sabendo usar o celular”, isso não deixa de ser verdade. Crianças que nasceram por volta da década de 2010 praticamente tem o aparelho como parte da sua vida desde muito cedo e, devido ao contato precoce, aprendem a mexer no mesmo com muito mais facilidade.

O uso do celular dentro da sala de aula é um dos principais motivos de reclamação dos professores. E o que eles fazem? Eles restringem, proíbem e “tomam” o dispositivo sem pensar duas vezes, privando o aluno de uma parte de sua vida apenas por vaidade ou para mostrar autoridade, um caminho incorreto a ser tomado.

Aí entra a reflexão do professor velho e do otimista. Enquanto o velho proíbe de todas as maneiras o uso do aparelho celular, o otimista deve tentar incluí-lo em sala de aula, o que parece impossível para alguns, é muito simples de se fazer. Um aplicativo, um grupo de estudos no *whatsapp* ou até uma vídeo conferência com algum professor ou palestrante é algo que aparenta ser complexo e inalcançável, mas na realidade não é. Outra função que o celular apresenta é a de escrever, os jovens de hoje escrevem muito mais do que os do milênio passados.

Pois bem, teu aluno, teu filho, teu neto não utilizam mais esse equipamento para falar. Ele usa para escrever. Eles acham inclusive que é idoso quem usa esse aparelho para falar, Usam para escrever e ainda fazem algo inacreditável, acionam o polegar para fazer todas as coisas. Você sabe que alguém é mais idoso quando segura o aparelho com uma mão e digita com a outra (CORTELLA, 2014. P. 25).

Se o educador souber utilizar da capacidade de escrita de seus alunos, ele pode desenvolver diversas formas de promover a permanência dos mesmos na escola. Deve-se evoluir a maneira que se enxerga o processo de leitura e escrita. Talvez o livro impresso não chame tanto a atenção da maioria dos jovens. Então, porque não adaptar e transformar o processo de ler e escrever por meio da tecnologia.

“Ah, mas eles não sabem mais escrever direito”, diz o professor velho. Eles sabem escrever e utilizam, como todos os demais da escrita coloquial para comunicar-se entre amigos. Não é uma escrita incorreta, é a escrita atual que

precisou sofrer adaptações para alcançar a rapidez dos processos tecnológicos. “Não estou afirmando que vale qualquer coisa, mas que o idioma, sendo vivo e dinâmico vai sofrendo alterações” (CORTELLA, 2014. P. 26).

E não é somente a escrita diferenciada e os processos tecnológicos que distanciam o jovem de seus professores. As problemáticas atuais e suas conseqüentes discussões sobre, fazem com que o professor, quando despreparado, não consiga entender as mazelas de seus alunos.

A reflexão sobre as diversas juventudes e suas peculiaridades para cada sujeito, faz com que os métodos de solucionar o problema da evasão escolar, nem sempre como um todo, mas dentro das possibilidades oferecidas tanto pela escola quanto pelo aluno que sofre com as desigualdades e efeitos de sua própria realidade. A Base Nacional Comum Curricular, aponta em seu documento que uma escola que acolhe os jovens e suas diversas juventudes deve se estruturar da seguinte maneira:

- garantir a contextualização dos conhecimentos, articulando as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura;
- viabilizar o acesso dos estudantes às bases científicas e tecnológicas dos processos de produção do mundo contemporâneo, relacionando teoria e prática – ou o conhecimento teórico à resolução de problemas da realidade social, cultural ou natural;
- revelar os contextos nos quais as diferentes formas de produção e de trabalho ocorrem, sua constante modificação e atualização nas sociedades contemporâneas e, em especial, no Brasil;
- proporcionar uma cultura favorável ao desenvolvimento de atitudes, capacidades e valores que promovam o empreendedorismo (criatividade, inovação, organização, planejamento, responsabilidade, liderança, colaboração, visão de futuro, assunção de riscos, resiliência e curiosidade científica, entre outros), entendido como competência essencial ao desenvolvimento pessoal, à cidadania ativa, à inclusão social e à empregabilidade; e
- prever o suporte aos jovens para que reconheçam suas potencialidades e vocações, identifiquem perspectivas e possibilidades, construam aspirações e metas de formação e inserção profissional presentes e/ou futuras, e desenvolvam uma postura empreendedora, ética e responsável para transitar no mundo do trabalho e na sociedade em geral. (BRASIL, 2017. p. 466)

É papel fundamental do profissional de educação promover medidas para que o aluno possa ter acesso a todas as áreas do conhecimento que necessita, de maneira crítica e reconhecendo suas potencialidades e dificuldades nesse processo. Mas, para que a escola esteja plenamente adaptada para ensinar seus alunos, é necessário escutar o que estes alunos tem a dizer. Entender que o aluno tem voz e necessidade de participar e se expressar perante o mundo em que vive é

fundamental para que se desenvolvam metas e projetos escolares centrados realmente nas prioridades dos jovens, que, em sua maioria, diz respeito ao ser ouvido.

Em comum, essas experiências buscam fortalecer os canais de interlocução entre os diferentes integrantes da escola, ampliar a participação dos estudantes e melhorar o desempenho escolar. Muitas produzem novas estratégias educativas e novas relações interpessoais (CORTI; SOUZA, 2012, p.33).

A maneira de fazer o aluno se sentir atuante das decisões escolares não tem uma receita certa. Ela varia de um núcleo social para outro, já que cada um possui maneiras de expressão que diferem em contextos histórico-sociais. Cabe a equipe escolar, juntamente com toda a comunidade, definir a maneira mais eficaz de tornar o adolescente matriculado no ensino médio, atuante em sua escola. Conforme diz Corti e Souza (2012. p. 33):

Mas as propostas variam quanto à natureza das intervenções: mobilização e participação de estudantes, abertura para a manifestação de eventos da cultura juvenil, elaboração de novas estratégias de aula, mudanças nas estruturas de gestão e no processo de tomada de decisões. Assim, pretende-se mostrar que não há um único caminho para a construção de uma aproximação entre a escola e o mundo juvenil, nem tampouco uma única dimensão para esse trabalho.

Como não existe uma fórmula pronta e eficaz para que sejam resolvidos os problemas na relação do jovem com sua escola, é necessário que mudanças sejam feitas. Para isso, é necessário que elas sejam pautadas em conceitos como gestão escolar democrática, currículo participativo e na criação de atividades diversificadas que prezem pelo bem-estar do aluno dentro do local onde estuda.

- Gestão escolar aberta à participação juvenil
- Múltiplos caminhos para a participação
- jovem no centro do currículo: novas práticas em sala de aula
- Atividades diversificadas na escola

Estamos cientes que tal divisão cumpre função didática, pois nos permite explorar melhor dimensões importantes do cotidiano escolar,[...] (CORTI; SOUZA, 2012, P. 35).

Uma gestão escolar democrática é de suma importância para que o jovem se sinta incluso no processo de tomada de decisões dentro da instituição, já que nesta fase da vida a noção de participação no meio e sua importância estão se

fortificando e solidificando.

Para o Ensino Médio, a necessidade da gestão democrática, da tomada de decisões coletivas e da partilha de responsabilidade é ainda mais preponderante, tendo em vista que os jovens aos quais se destina o processo educativo encontram-se em um momento em que a noção de participação na vida pública está sendo constituída, (CORTI; SOUZA, 2012, p. 35).

Para que sejam tomadas decisões, é necessário que exista um caminho para a participação dos adolescentes em sua instituição escolar. Existem muitas maneiras para incentivar a interação do sujeito com o seu meio, no caso o jovem e a escola onde ele estuda, sempre ressaltando a importância do direito a opinião e críticas, o que fortifica a práxis.

Garantir a participação dos estudantes nos espaços de decisão da escola é fundamental para compreender o que os jovens possuem como expectativa em relação à instituição. Ao mesmo tempo, é uma forma de fazer com que a escola seja um espaço de vivência, de práxis democrática (CORTI; SOUZA, 2012, p. 40).

O currículo escolar é também uma ferramenta que pode ser adaptada para atender as demandas de conhecimentos da juventude que está sendo ensinada em determinado momento. Não se deve mudar toda a estrutura de conteúdos, que são extremamente importantes para o processo de formação crítica do ser humano, mas sim adaptar tais temáticas para gerar maior interesse do público a qual se destinam.

Isso não quer dizer que ela deva abrir mão do conhecimento do qual é a principal agência socializadora. Uma professora de Língua Portuguesa não precisa deixar de inserir jovens no universo literário de Machado de Assis. Mas é possível pensar essa inserção de uma maneira mais significativa para os jovens (CORTI; SOUZA, 2012, p. 54).

Portanto, cabe ao pedagogo ser comprometido inteiramente com a práxis dentro da escola onde atua. Buscar alternativas para que os alunos de Ensino Médio sejam ouvidos e respeitados por suas especificidades, é essencial para que o fluxo de evasão escolar seja diminuído. Uma instituição que oferece a oportunidade de participação dos jovens, para que estes ampliem seus anseios e suas diferenças à comunidade escolar e possuam voz ativa social, certamente resultará na resposta positiva no que diz respeito ao aprendizado, no interesse e,

mais importante, na confiança com a escola em que estudam.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Para a realização da análise de dados da presente pesquisa sobre a evasão escolar e o trabalho do pedagogo, foram utilizados textos de diversos autores, entre eles podemos ressaltar: Juarez Dayrell, Paulo Carrano e Murilo José Digiácomo. Estes trazem as temáticas a serem utilizadas neste trabalho, tais como a evasão escolar, seus fatores, os desafios do professor pedagogo perante as desigualdades e demais problemas no Ensino Médio.

Utilizou-se de documentos como a Base Nacional Comum Curricular para fazer uma análise mais ampla sobre o que é ensinado dentro da grade do Ensino Médio e fazer uma relação com o aproveitamento do que é passado aos alunos, além de estabelecer o papel do professor pedagogo no sentido fazer os conteúdos serem passados sem desinteresse.

Foram utilizados também, nesta pesquisa, gráficos sobre a situação do abandono e evasão escolar, em diferentes contextos, disponibilizados em documento pela Unicef.

Assim, o trabalho transcorreu a partir dos métodos qualitativo de análise de pesquisa bibliográfica e quantitativo devido à análise dos dados disponíveis nos gráficos analisados. Portanto além das conclusões encontradas nos dados disponibilizados nos gráficos, serão utilizados os métodos encontrados em estudos semelhantes, conceitos e ideias de outros autores, ligados aos objetivos desta pesquisa, para a construção de uma análise científica sobre o objeto de estudo.

Conforme diz Minayo:

Entende-se pesquisa como um processo no qual o pesquisador tem “uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente”, pois realiza uma atividade de aproximações sucessivas da realidade, sendo que esta apresenta “uma carga histórica” e reflete posições frente à realidade (MINAYO, 1994, p.23).

Pode-se entender o processo de pesquisa bibliográfica como um procedimento importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados como a evasão escolar, a criação de

hipóteses ou interpretações diversas que poderão servir como ponto de partida para outras pesquisas futuras.

Sua finalidade é o colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas (MARCONI; LAKATOS, 2007. p. 71).

Após a seleção do material, este deverá ser lido, analisado e interpretado, pois, durante o processo da pesquisa é importante que exista uma seleção dos materiais direcionados aos os conteúdos que forem mais importantes, e que eventualmente serão usados como base para a metodologia do projeto de pesquisa. A pesquisa jamais deve ser realizada de maneira aleatória, pois implica num conjunto ordenado de procedimentos em busca de soluções, sempre relacionadas ao objeto de estudo.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da análise do material bibliográfico utilizado, procuramos encontrar a conceituação dos objetivos presentes em nosso trabalho, tais como: compreender a relação entre juventude e escola, identificar os principais motivos do abandono escolar, verificar como o trabalho do pedagogo pode contribuir para a formação do jovem e a diminuição do abandono escolar.

Pode-se dizer que tanto a relação dos jovens com a escola quanto o trabalho que o pedagogo realiza na mesma são a principal consequência para que se desencadeie o abandono e a evasão escolar. São temáticas, naturalmente, interligadas e que necessitam do funcionamento perfeito uma da outra, como um relógio, para poderem ter sucesso. Práticas pedagógicas efetivas geram um maior contato positivo do jovem com a escola e diminuem, conseqüentemente, os índices de evasão e abandono na instituição.

Observamos que uma das principais causas do problema do abandono na escola, além das questões sociais, culturais e raciais, é a falta de contato real entre instituição, família e sujeito. Os jovens de hoje vivem muito mais abertamente seus problemas e querem falar sobre eles. Pode-se dizer que a juventude hoje, “é uma fase da vida marcada por transformações de diversas ordens” (CORREA; ALVES; MAIA, 2014. p. 22). Sejam essas ordens de mudanças biológicas ou culturais, eles

precisam ter voz e serem ouvidos. Não adianta gritar com uma parede, ela não vai ouvir.

Os pedagogos e os demais componentes da comunidade escolar não podem transformar-se em “paredes” e bloquear todos os problemas que os jovens passam, fingindo que se importam e tomando medidas incompletas para solucionar sejam quais forem as temáticas de seus problemas.

Uma educação democrática não pode prescindir do diálogo aberto com os jovens. Ele é indispensável em todas as instâncias, a começar pela formulação de políticas públicas de educação. É preciso abrir espaços para que os jovens possam discutir suas necessidades educativas e partilhar decisões a seu respeito (CORTI; SOUZA, 2012. p. 36).

De nada adianta também se apropriar da voz das juventudes e contar para os demais uma versão censurada e modificada dos anseios dos que estão passando por essa fase. A apropriação é outra medida incompleta de sanar as mazelas que afligem o jovem de hoje. É necessário dar espaço e ouvir realmente o que eles nos tem a dizer.

A família é outro ponto crucial nesta discussão. É ela o porto seguro de muitos alunos, mas, em muitos casos, esse lugar de segurança não existe. “Vive-se uma época em que as configurações familiares se alteraram e se diversificaram muito” (CORREA; ALVES; MAIA, 2014. p. 22). Entretanto, essas diversas configurações não devem esquecer que são uma unidade familiar e devem apoiar seus membros em qualquer situação.

O apoio pode também vir em forma de crítica, porém nunca se deve confundir a crítica com a desmotivação do indivíduo. Existem famílias que só procuram seus filhos em momentos da cobrança de algo de errado que fizeram e nem sequer se preocupam com as causas que levaram esse indivíduo a cometer tal erro. A família deve participar ativamente da vida escolar de seus filhos, frequentando reuniões nas escolas e conversando dentro de casa sobre o que é necessário para melhorar o sistema de ensino e as metodologias da escola de que fazem parte.

O pedagogo, sendo um profissional que trabalha com a humanização do sujeito a partir do ensino, deve buscar alternativas palpáveis para solucionar o problema. O dicionário define pedagogo como aquele que, de maneira pretensiosa, acredita que sempre tem o que ensinar às pessoas (MICHAELIES, 2019). Essa

definição só compreende uma parte do processo de ensino-aprendizagem, para ensinarmos precisamos primeiramente aprender.

Devemos entender a realidade em que o adolescente se encontra para entender a realidade do adolescente, suas particularidades. Existe uma facilidade em definir um sujeito por meio do local em que este vive, assim o generalizando. Já dizia a música da banda *Pink Floyd* para os alunos e para a sociedade em geral “*All in all, you’re just another brick in the wall*” (Em suma, você é apenas mais um tijolo no muro). Não tratemos nossos jovens apenas como peças irrelevantes de um todo, os tratemos como únicos e indispensáveis para a formação de sua sociedade.

A partir dos resultados obtidos nessa pesquisa, ainda existem alguns pontos a serem reforçados para possíveis estudos e ações futuras, que requerem de mais clareza e aprofundamento. Foram encontrados, ainda, uma grande complicação no que diz respeito a formação dos professores. Aspectos como, por exemplo: Que tipo de cursos são oferecidos à esses profissionais? De que maneira são divulgados? Se abertamente ou apenas um grupo que possua acesso à alguma ferramenta de alcance pode realizá-los.

Os profissionais, enfatizando aqui o pedagogo, passaram e passam por um grande desentendimento de suas reais funções. “Historicamente trabalho dos pedagogos na rede estadual de ensino do Paraná assumiu o sentido de fiscalização do trabalho do professor”(HADDAD, 2016. p. 255), assim como no país como um contexto geral. O pedagogo fiscaliza o professor e o professor fiscaliza o aluno. Tudo muito técnico e robotizado demais quando se fala em seres humanos.

Habilitava-se tecnicamente o profissional e reduzia-se seu trabalho à racionalidade técnica do fazer pedagógico. Cumpria-se assim uma função política de manutenção e reprodução da sociedade de classes, e da divisão do trabalho entre os que planejam e os que executam (HADDAD, 2016. p. 256).

Essa falta de perspectiva sobre a realidade do trabalho e da importância de um profissional de pedagogia é que transforma a escola em um ambiente seco, sem vida e sem atrativos. Essa falta de “vida” dentro da instituição causa o efeito em cadeia, já analisado na fundamentação deste documento, que inicia com o desinteresse e finaliza-se com o abandono.

A questão que fica em aberto não é o problema da falta de formação do

profissional, isso já identificamos que não possui sua devida efetividade, e sim de que maneira as políticas públicas estão formando os profissionais que tem. Se procuram oferecer humanização do profissional ou apenas tecnicismos sem efeitos.

“O trabalho, que deveria ser a realização do trabalhador enquanto processo de humanização, acaba se tornando a sua desrealização” (HADDAD, 2016. p. 254), ou seja, o sujeito ao iniciar sua vida acadêmica, tem muitos sonhos e vontades humanizadoras. Ele quer a mudança e o ensinar a ser crítico. Então ele se depara, já formado, com sua primeira escola e toda a vontade de mudar se vê bloqueada por regras, sistemas e costumes que sistematizaram aquele lugar, e o que ele faz? Na maioria das vezes, possivelmente ele irá se perder.

A escola está cansada, saturada de práticas educacionais que acabam por resumir-se em ideias parecidas que já foram pensadas anteriormente. As palestras das semanas de educação geralmente giram em torno de temáticas semelhantes, os cursos de formação continuada parecem estar focados em um contexto generalizado, que não corresponde, na maioria das vezes, com a realidade que a comunidade escolar apresenta.

Finalizando a questão da formação dos profissionais, o problema ocorre desde processos de formação acadêmica, em que o indivíduo passa para chegar ao título de pedagogo, seguindo com as oportunidades de aprendizado oferecidas pela rede de ensino, seja ela municipal ou estadual. O que acarreta num espaço vazio entre ele e seu aluno, com suas tecnologias, desigualdades e vozes diferentes. Ainda há muito o que se fazer para diminuir esse espaço e precisamos entender, principalmente, como fazer.

O que se espera, a partir deste estudo e para estudos futuros é a real solução do problema. Quando se fala em como o pedagogo pode agir para tentar solucionar o problema, existem muitos meios de fazê-lo sendo esses, nem sempre tão efetivos em longo prazo. Devemos buscar nos métodos de ensino, uma educação que se torne indispensável a quem se educa. Algo que não seja a segunda opção entre outras duas, que seja necessário.

O que é uma educação sem graça? É aquela que não produz a capacidade

de ser essencial. Desse ponto de vista, a tarefa da Educação é tornar a vida mais engraçada, mais cheia de graça, porque ela não pode correr o risco de tornar-se desgraçada. “Oh vida desgraçada”, “oh, Escola desgraçada”, “oh, país desgraçado”, isso é uma ausência de graça, de proteção. Por isso a aula tem que ser gratificante, a tal ponto que, quando a terminarmos, nós temos que sair agradecidos, cheios de graça mesmo, e ela precisa carregar uma gratuidade muito grande (CORTELLA, 2014. p. 124).

Podemos valorizar o que temos em mãos. Uma cultura rica e diversa, cheia de história pra contar pelo resto de nossas vidas. Temos o material perfeito para uma aula realmente gratificante dentro da própria sala de aula. Ali estão as fontes históricas, os problemas matemáticos, a língua portuguesa em sua mais atualizada forma. Nós temos milhões de jovens em nossas salas de aula, necessitando do exercer. Eles querem ter voz e serem ouvidos, querem inclusão e respeito, não só para eles, para todo o meio em que vivem e além.

Buscar cada vez mais uma gestão democrática dentro do ambiente escolar é o pontapé inicial. Sem preguiça de organizar debates e fazer uma ouvidoria. O educador não pode ter preguiça, não há como misturar um termo com o outro, são como água e óleo. O momento de agir é todo momento.

Quando existe a força de vontade, atrelada com a democracia, as chances de sucesso são promissoras. E não estamos falando de fazer brincadeiras e dinâmicas para “descontrair” os alunos, estamos falando de projetos políticos pedagógicos efetivos, feitos em comunidade para a mesma.

De nada adianta o currículo da escola estar pautado em grandes nomes se não tem a mesma eficiência. Não devemos copiar os autores cegamente, devemos nos inspirar nos mesmos. Até porque, não é muito comum ver um professor explicando em que autor se baseou para criar tal conteúdo. O educador é dotado de criatividade e capacidade de se adaptar a horários absurdos e turmas diversas. O que falta, na maioria dos casos, é exercer dessas capacidades de maneira realmente efetiva.

A escola deve ser tratada com seriedade, mas, ao mesmo tempo, ser um local feliz, que passe alegria e satisfação a quem nela estuda. Cortella (2014. p. 126) diz que “uma aula tem que ser alegre para poder ser séria”, ou seja, a seriedade não esta relacionada com o emburramento e sim com o comprometimento. Quando existe um profissional sério, significa que ele leva seus colegas a sério, que ele os escuta e compreende.

Um pedagogo, deve entender seu papel dentro da escola e procurar realizá-

lo da melhor maneira possível. “O princípio de reciprocidade está presente na relação entre alunos e professores”(DAYRELL; CARRANO; MAIA, 2014 .p. 89), ou seja, para que existam políticas efetivas na efetivação do problema do abandono e da evasão escolar no ensino médio, é necessário que o educador abrace seu aluno, ao entender suas dificuldades, e que exista a reciprocidade desse abraço, em que o aluno perceba o esforço da escola em mantê-lo estudando.

Assim, concluímos como perspectivas futuras a consolidação de metodologias efetivas para a permanência do aluno na escola, principalmente na passagem do ensino fundamental para o médio, fruto dos maiores índices de abandono escolar na rede de ensino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos o problema da evasão escolar como algo além dos estereótipos, como o trabalho e a maternidade precoce, ele vai além. O hábito de culpar só uma parte do problema e lavar as mãos sobre o resto é o que encadeia o problema em proporções inimagináveis.

A culpa não é somente do jovem, da família ou da escola, é um conjunto de fatores, diversos para cada pessoa que constitui a base do problema e a falta de ações por parte da escola e da família que solidificam essa base e consolidam o abandono e a evasão escolar.

A escola não pode se negar e afirmar que já fez de tudo para resolver. Não adianta discorrer sobre a delinquência e a criminalidade quando nada se faz a respeito, e o que se faz não tem fundamento algum. Entendemos que o jovem atual tem mais voz ativa e vontade de usar essa voz para melhorar os problemas da sua juventude, mas os ditos adultos ignoram essa voz como se o que o sujeito vivencia não fosse o suficiente para ele falar por si mesmo, o que faz com que ocorra uma terceirização dos problemas como se fosse numa empresa. E sabemos que escola não é uma empresa, não estamos fazendo produtos, estamos formando pessoas.

A família, por outro lado, tem a habilidade de jogar a culpa da situação na escola. “Porque a escola não educa direito e só ensina besteira par essas crianças”. Mas então senhores pais ou responsáveis, vocês compareceram na reunião da turma dos seus filhos? Já perguntaram aos mesmos o porquê da “rebeldia” repentina que os assombra?

Denominar culpados não resolve o problema. Se assemelha a situação com a brincadeira que alguns chamam de “*Batata quente*”, onde a “batata” é passada de um para o outro até alguém sair queimado mesmo que não tenha sido quem “jogou a batata” ou “acendeu o fogo”. O mesmo ocorre com o problema da evasão escolar: o aluno “joga” a culpa na escola, a escola nos pais, os pais na escola, a escola no aluno e assim sucessivamente.

Ouvir é a palavra da vez. Ouvir as mazelas da juventude, entender assim a realidade em que se encontram e tentar solucionar o problema. Mas por que falamos em tentar? É simples, mas complexo. A evasão é um problema de escala nacional, mas, assim como cada pessoa é única, cada escola também é. Cada lugar tem uma barreira a ser superada e os pedagogos, juntamente com a comunidade escolar devem buscar, primeiramente o entendimento do caso para depois desenvolver iniciativas que resolvam o problema.

Adaptar e formar os professores para que deixem suas velhas e ultrapassadas metodologias e passem a entender melhor a realidade do jovem é indispensável para que se previna o problema. O desinteresse na escola é uma das principais causas do abandono. Uma pessoa que não se encontra onde está e se sente obrigado a frequentar um ambiente hostil que só critica sem motivos e generaliza cada um como se fosse uma massa, naturalmente não coloca esse ambiente como sua prioridade e no momento de abrir mão de alguma coisa em função de sua sobrevivência, não pensa duas vezes no que será deixado para trás.

Não há, certamente, uma receita pronta. Não é algo coletivo, mas pessoal de instituição para instituição. Devemos compreender essa diferença e criarmos as receitas para cada escola, de maneira única, adicionando os ingredientes em sua quantidade certa. Participação da família, formação continuada de professores, acesso à tecnologia, apoio ao jovem, projetos, auxílio do governo, entre outros “ingredientes” são necessários para se oferecer uma educação de qualidade promover a permanência e a formação de sujeitos capazes de serem donos de suas vidas e, principalmente de suas vozes.

REFERÊNCIAS

- ALAMINOS, Cláudia. **Evasão escolar na adolescência**: necessidade ou ideologia?. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 2., 2005, São Paulo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000200001&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 11 Novembro 2019.
- ARROYO, M. G. Educação e exclusão da cidadania In: BUFFA, Ester. **Educação e cidadania**: quem educa o cidadão. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Ensino Médio. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- CAMPELLO, C. M. T. **Violência na escola**: um protesto contra a exclusão social? Análise & Dados, Salvador, jun. 2001. v. 11, n. 1, p. 28-31
- CORREA, Lycinia Maria; ALVES, Maria Zenaide; MAIA, Carla Linhares (Org.). **Juventude Brasileira e Ensino Médio**: Os Jovens e a Escola. Belo Horizonte: Ufmg, 2014. 44 p. (1).
- CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, Escola e Docência**: novos tempos, novas atitudes. São Paulo: Cortez, 2014. 126 p.
- CORTI, Ana Paula de Oliveira; SOUZA, Raquel. Iniciativas de aproximação com o mundo juvenil. In: CORTI, Ana Paula de Oliveira; SOUZA, Raquel. **Diálogos com o mundo juvenil**: Subsídios para educadores. 2. ed. São Paulo: Ação Educativa, 2012. Cap. 2. p. 33-97.
- DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Org.). **Juventudes e ensino médio**: sujeitos e currículos em diálogo. Belo Horizonte: Ufmg, 2014. 339 p.
- DIGIACOMO, Murilo José. **Evasão escolar**: não basta comunicar e as mãos lavar. 2005. Disponível em: <http://www.mp.br.gov.br/atuacao/infancia/artigos/evasao/_escolar_murilo.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.
- DOURADO, Luiz Fernandes. **"Elaboração de políticas e estratégias para a prevenção do fracasso escolar"**—Documento Regional BRASIL: Fracasso escolar no Brasil: Políticas, programas e estratégias de prevenção ao fracasso escolar." Secretaria de Educação Infantil e Fundamental, Departamento de Políticas Educacionais, MEC (2005).
- EDITORA MELHORAMENTOS LTDA (Brasil) (Ed.). **Michaelis**: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. 2019. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>>. Acesso em: 11 nov. 2019
- FERREIRA, Eliza Bartolozzi. **Ensino médio no Brasil**: os desafios das políticas de garantia do direito a sua universalização. Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 17, n. 34, p. 507-525, set./dez. 2011. Disponível em:

<<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/viewFile/6243/5116>>. Acesso em 16 maio 2019

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HADDAD, Cristhyane Ramos. **Políticas para o trabalho dos pedagogos na rede estadual de ensino do Paraná (2005-2015)**: Intensificação, burocracia e possibilidades de superação. Curitiba: Crv, 2016. 310 p.

MASSETTO, Marcos T.. **Didática**: A aula como centro. São Paulo: FTD, 1997

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Pesquisa Bibliográfica. In: MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa**: Técnicas de Pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas S. A., 2007. p. 71-83. Disponível em: <http://www.labev.uerj.br/textos/tecnicas-pesquisa_pesquisa-bibliografica.pdf>. Acesso em: 15 maio 2019

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento**. São Paulo/Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1994

SUZUKI, Cristina Mika et al. Análise comparativa da frequência de prematuridade e baixo peso entre filhos de mães adolescentes e adultas. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 95-103, dez. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822007000300010&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 10 nov. 2019.

UNICEF. (Org.). **REPROVAÇÃO, DISTORÇÃO IDADE-SÉRIE E ABANDONO ESCOLAR**: Dados do Censo Escolar 2018 publicados no site da estratégia Trajetórias de Sucesso Escolar (trajetoriaescolar.org.br) do UNICEF e parceiros. [s.l]: Unicef, 2018. 13 p. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/6151/file/reprovacao_distorcao_idade-serie_abandono_escolar_2018.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2019.